

PARA UMA ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR E TRANSCULTURAL DAS TOXICODEPENDÊNCIAS

por

Helena Cabeçadas*

Resumo: A compreensão dos problemas relacionados com o uso e abuso de substâncias psicoactivas nas diferentes sociedades e culturas exige, na perspectiva desenvolvida neste artigo, uma abordagem interdisciplinar e transcultural. O contributo dado pela Antropologia à elaboração dos modelos de intervenção postos em prática nos países ocidentais para dar resposta aos problemas das toxicodependências, assim como o papel do antropólogo na sua prevenção e tratamento, são também analisados pela autora.

Palavras-chave: Toxicodependência. Substância psicoactiva. Perspectiva transcultural. Abordagem interdisciplinar.

Abstract: The purpose of this work is to discuss the need of a cross-cultural as well as an interdisciplinary approach for a better understanding of the use of psychoactive substances in different societies. Furthermore, the contribution of Anthropology to the medical and social-cultural models aiming at the solution of drug related problems, as well as the role of the anthropologist in drug treatment and prevention, are emphasised.

Key-words: Drug Addiction. Psychoactive substance. Cross-cultural perspective. Interdisciplinary approach.

1. INTRODUÇÃO

*J'ai dominé le Ciel de ma taille,
dominé la vaste terre...
n'ai-je donc pas bu du soma?*

(RV. IX. 113)

O problema da droga e das toxicodependências nas sociedades contemporâneas é um fenómeno complexo e ambíguo, que põe em causa as questões fundamentais da existência humana: a questão do bem e do mal, da liberdade e da dependência, do sagrado e do profano, da vida e da morte, do acto gratuito e da exploração económica.

* Antropóloga/Serviço de Prevenção e Tratamento da Toxicodependência/C.A.T. (Restelo).

Sibéria³, a Índia⁴, a Grécia⁵, e a América do Norte e Central⁶. Nas suas pesquisas, realizadas em âmbitos tão diversos como a Antropologia, a Farmacologia, a Micologia, a Etnobotânica e a investigação pela Arte (Poesia, Escultura, Pintura, Cerâmica e Arqueologia), Wasson, consciente das suas limitações, não hesita em recorrer à colaboração de eminentes especialistas, como o psicofarmacologista Hoffman, o etnobotânico Evans Schultes, o micólogo Roger Heim, entre outros, com quem realiza, inclusivé, longas estadias no terreno.

É esta *abordagem interdisciplinar e transcultural* que lhe permite identificar o deus SOMA dos Arianos, cantado num dos mais belos e antigos textos da humanidade, o Rig Veda (séc. XIV A.C.): a planta sagrada, cuja identidade permanecera até então misteriosa, da qual era extraída a bebida da imortalidade dos patriarcas védicos, *a alma e o corpo do sacrifício*⁷, cuja ingestão ritual permitia desafiar os deuses e, até, opôr-se-lhes. E que não seria outro senão *Amanita muscaria*, o cogumelo mágico dos contos de fadas da nossa infância...

Também a propósito da relação entre os cogumelos e a cultura, Claude Lévi-Strauss (1970) refere a *determinação cultural dos efeitos dos alucinogéneos*, afirmando que as alterações psíquicas e de comportamento produzidas pela relação de um indivíduo com uma droga dependem mais dos comportamentos socio-culturais que das propriedades farmacológicas das substâncias. Segundo este autor, *os alucinogéneos seriam os detonadores e os amplificadores de um discurso latente que cada cultura tem em reserva e do qual as drogas permitiriam ou facilitariam a elaboração*⁸.

Na sequência dos seus trabalhos com Wasson, Evans Schultes, director do Museu Botânico da Universidade de Harvard, num artigo publicado em 1969 na Revista Science⁹, chama a atenção para o interesse prático e académico dos estudos interdisciplinares das plantas sagradas nas culturas tradicionais, cujos componentes se revelaram de extraordinário interesse químico e farmacológico, altamente promissores para a medicina moderna ocidental.

³ Idem.

⁴ Wasson, R. Gordon. *Soma: Divine Mushroom of Immortality*. New York: Harcourt, Brace & World, Inc. The Hague: Mouton, 1968.

⁵ Wasson, R. Gordon, Albert Hoffmann, e Carl A. P. Ruck. *The Road to Eleusis: Unveiling the Secret of the Mysteries*. Harcourt Brace Jovanovich, New York and London, 1978.

⁶ Wasson, R. Gordon. *The Wondrous Mushroom. Mycolatry in Mesoamerica*. Ethnomycological Studies No.7. Mc Graw-Hill Book Company, New York, 1980.

⁷ *Hymnes Spéculatifs du Véd.* Traduits du sanskrit et annotés par Louis Renou. Connaissance de l'Orient. Collection UNESCO. Éditions Gallimard, 1956.

⁸ Lévi-Strauss, Claude. *Les Champignons et la Culture in Anthropologie Structurale II*. Librairie Plon, Paris, 1976.

⁹ Schultes, Richard Evans. *Hallucinogens of Plant Origin*. Revista Science, vol. 163. Janeiro de 1969.

graves, senão a mais grave, crises que abalaram o Império do Meio¹¹.

Isabelle Bird, notável escritora inglesa dos finais do século XIX, que viajou pela China nessa época, penetrando nas suas mais recônditas províncias, faz-nos descrições impressionantes do estado de terrível decadência em que se encontra a população chinesa, decadência provocada pelo consumo excessivo do ópio, *the foreign mud* (a lama estrangeira), tal como era designado, nessa época, pejorativamente, pelos chineses.

Segundo Isabelle Bird, nos finais do século XIX, cerca de 60% da população masculina e 40% da população feminina da China eram opiómanos, estendendo-se a toxicodependência a todas as classes sociais¹².

Actualmente não há opiómanos na China Popular, contrariamente ao que se passa em Hong-Kong e Macau. Os métodos utilizados para a sua erradicação foram talvez violentos, radicais, contestáveis. Estão, é evidente, interligados com as grandes revoluções sociais e culturais que agitaram a China no decorrer do século XX¹³.

A relativa abertura da China ao Ocidente, verificada nos finais da década de 80, estava, no entanto, a ter já como consequência o ressurgir de casos de droga e de toxicodependência, sobretudo nas zonas económicas especiais, relacionados com as tentativas de infiltração das sociedades secretas (as famosas tríadas) na grande China. O isolamento e o recuar das reformas após o massacre de Tiananmen terá, parcialmente, travado esta infiltração.

Mas não deixa de ser interessante constatar que, ao longo da milenária história chinesa, as toxicomanias se instalaram, justamente, em períodos de crise e decadência, desaparecendo posteriormente, uma vez ultrapassada a crise e reencontrado o equilíbrio social e cultural.

Esta breve análise da história da China confirma os dados recentes da investigação antropológica neste domínio, ou seja, a importância do contexto político e socio-económico no *surgir* da questão da droga como problemática.

Na sequência dos trabalhos de Harner¹⁴, La Barre¹⁵ e Vera Rubin¹⁶, entre outros, o antropólogo Peter Furst defende, no final da década de setenta, a necessidade urgente de uma *perspectiva holística* na abordagem deste tema, integrando diferentes disciplinas científicas, uma vez que as mesmas drogas podem funcionar

¹¹ Waley, Arthur. *The Opium War Through Chinese Eyes*. George Allen & Unwin Ltd. London, 1958.

¹² Bird, Isabella. *The Yangtze Valley and Beyond*. Virago Press Limited, London 1985.

¹³ Cabeçadas, Helena. *Elementos para a Compreensão da Problemática das Toxicodependências no Território de Macau*. Relatório apresentado ao Governo de Macau. Agosto de 1984.

¹⁴ Harner, Michael J. *Hallucinogens and Shamanism*. Oxford University Press, 1973.

¹⁵ La Barre, Weston. *The Peyote Cult*. Shoe String Press, Hamden, Conn., 1974.

¹⁶ Rubin, Vera. *Cannabis and Culture*. La Haya e Paris, Mouton & Co., 1975.

Este reconhecimento pela O.M.S. teve consequências práticas interessantes, sobretudo no que diz respeito à prevenção das toxicodependências, pois era assim dada luz verde para a intervenção comunitária e de rede. Nesta perspectiva, a necessidade da interdisciplinaridade surge como inevitável.

3. ABORDAGEM SISTÉMICA E TEORIA DAS REDES SOCIAIS

A abordagem sistémica permite-nos integrar o contributo das diferentes áreas do saber, possibilitando-nos uma análise multidimensional de fenómenos sociais complexos, tais como o uso e abuso de psicotrópicos nas diferentes culturas e sociedades (tradicionais e modernas), de acordo com as exigências da *interdisciplinaridade*.

Assim, ao **modelo médico clássico**, unilinear e redutor, atribuindo a uma determinada causa um determinado efeito, correspondente a um modelo de comunicação do tipo *telegráfico*, opôr-se-ia o **modelo sistémico**, integrador e multifactorial (causalidade circular versus causalidade linear), correspondendo a um modelo de comunicação *orquestral*.

A Escola de Palo Alto e o seu *Colégio Invisível*, na Califórnia, forneceu-nos, dentro desta nova perspectiva, das mais *estimulantes e originais* pesquisas realizadas no âmbito das Ciências Sociais e Humanas nas duas últimas décadas, designadamente no campo específico da saúde mental, que nos ocupa²⁰.

O amplo *movimento das terapias familiares*, que se estende também à Europa a partir dos anos sessenta, é uma das consequências práticas dos estudos iniciados por este grupo de investigadores polémicos e contestatários, à margem das instituições académicas tradicionais. Neste grupo, cuja figura paradigmática é Gregory Bateson, a presença dos antropólogos é significativa, a começar pelo próprio Bateson: Edward Hall, Ray Birdwhistel, Erving Goffman... têm formação antropológica, e o seu contributo à moderna Teoria da Comunicação é dos mais brilhantes.

A *Teoria das Redes Sociais* nasce directamente da aplicação da moderna Teoria da Comunicação ao ambiente relacional criado em torno de cada indivíduo, com os seus sistemas de troca, alianças, oposições e conflitos. Esta teoria permite, na nossa perspectiva, conceber e conduzir de modo mais adequado o número crescente de *intervenções relacionais* e de *cuidados sociais* que caracterizam as nossas sociedades urbanas, complexas e fragmentadas, com as suas múltiplas marginalidades.

²⁰ Bateson, Birdwhistel, Goffman, Hall, Jackson, Schefflen, Sigman, Watzlawick. *La Nouvelle Communication*. Textes recueillis et présentés par Yves Winkin. Éditions du Seuil, 1981.

aliviar as crises crónicas e os sentimentos de angústia e solidão que lhes estão associados, procura-se envolver no tratamento as redes de amigos, vizinhos, parentes, etc., corresponsabilizando-os por esse mesmo tratamento²⁴. As terapias de rede, do mesmo modo que as terapias familiares, utilizam bases sistémicas. Interessam-se, sobretudo, pelas mensagens, interações, coevoluções, nas suas formas críticas ou patológicas, entre um determinado indivíduo e o seu meio relacional, profissional, de assistência, etc.

Na *terapia de rede* o processo de cura passa a ser do domínio público, tal como acontecia nas sociedades primitivas em que o xaman, em cerimónia tribal, exorcizava os espíritos malignos que afligiam o doente. Trata-se, afinal, do modelo psicoterapêutico mais antigo, aquele que exige o envolvimento da tribo, da *comunidade significativa* para o paciente designado das sociedades modernas.

Este campo de investigação tem-se revelado muito activo, tanto na Antropologia como na Sociologia, nas Ciências Políticas, na Ecologia Social, nas Matemáticas, etc. Faz apelo a uma abordagem de sistemas muito mais vasta do que o modelo médico clássico e do que o modelo psicoterapêutico individual, isto no que diz respeito ao caso concreto da saúde mental e das toxicodependências.

Relativamente às toxicodependências, a intervenção de rede tem sido praticada, também em Portugal, com resultados interessantes, tanto a nível do tratamento como da reinserção social dos toxicodependentes. Mas é sobretudo na prevenção do abuso de drogas que este modelo de intervenção se nos afigura promissor.

Talvez seja a altura de definir, mais concretamente, o que entendemos por este termo de *intervenção de rede* e do que nós pensamos poder ser o papel do antropólogo nesta área de intervenção.

A *análise das redes sociais* aplica-se ao estudo de fenómenos pouco conhecidos e não estruturados. Partindo das vivências do dia a dia, procura conhecer as estratégias pessoais de existência, os meios utilizados pelas pessoas para resolverem os seus problemas quotidianos, a lógica própria a um micro-meio. A importância é dada às organizações informais de suporte, designadas por *redes primárias*.

Guédon (1984) define **rede primária** como *um conjunto natural de indivíduos em interacção uns com os outros*²⁵. Este conjunto de pessoas apresentaria como características o facto de todos os membros se conhecerem entre si, encontrando-se unidos por laços de natureza afectiva, positiva ou negativa, mais do que de natureza funcional. Tratar-se-ia, pois, de um conjunto dinâmico, susceptível

²⁴ Speck, R. V. e Attneave, C. L. *Family Networks*. Pantheon Books, New York, 1973.

²⁵ Guédon, M. C. *Les Réseaux Sociaux. L'Intervention de Réseaux, une Pratique Nouvelle*. Édition France - Amérique, 1984.

e que lhes permitem compreender (e agir) localmente e pensar globalmente.

O que se constata em Portugal, no entanto, apesar da aceitação do **modelo socio-cultural** pela Organização Mundial de Saúde já datar de há mais de uma década, é a incompreensão da necessidade de especialistas em Ciências Sociais integrarem as equipas técnicas que trabalham nestas áreas, tradicionalmente constituídas por médico, enfermeiro e assistente social. E se a presença do psicólogo começa a ser habitual, a do sociólogo é ainda rara e a do antropólogo é inexistente. Verifica-se, por parte das entidades responsáveis, uma ignorância completa do que é, ou poderá ser, a abordagem antropológica. Por outro lado, aos diferentes *lobbies* existentes que controlam a intervenção neste domínio (partidários, médicos, e *psis* diversos...) também não interessa reconhecer as suas limitações e incapacidades no que diz respeito ao estudo aprofundado de comunidades.

Competirá assim aos antropólogos reivindicar e conquistar o seu espaço de análise e de intervenção nas sociedades urbanas complexas. A Antropologia actual terá que provar que *serve* para alguma coisa, tal como soube demonstrar *ser útil* aos governos coloniais quando se constituiu como Ciência²⁸. O facto do poder colonial português nunca ter percebido a *utilidade* da Antropologia explica, em parte, o pouco dinamismo da antropologia portuguesa²⁹, apesar do nosso longo passado colonial.

Defendemos a necessidade de uma antropologia aplicada, numa perspectiva de investigação/acção. Parece-nos ser essa uma condição de sobrevivência e de revitalização da própria antropologia, *Car, hélas, l'Anthropologie réclamerait vainement une reconnaissance que ses conquêtes théoriques devraient suffire à lui valoir si, dans le monde malade et anxieux qui est le nôtre, elle ne s'employait pas aussi à démontrer à quoi elle sert.* (Lévi-Strauss, 1954)³⁰.

BIBLIOGRAFIA

- BATESON, Gregory (1979). *Mind and Nature. A Necessary Unity*. A Bantam Book, New York.
- BATESON, BIRDWHISTEL; GOFFMAN, HALL, JACKSON, SHEFLEN, SIGMAN, WATZLAWICK. *La Nouvelle Communication*. Textes recueillis et présentés par Yves Winkin. Paris, Éd. du Seuil, 1981.
- BIRD, Isabella (1985). *The Yangtze Valley and Beyond*. London, Virago Press Limited.
- BOTT, Elisabeth (1957). *Family and Social Network, Roles, Norms and External*

²⁸ Os trabalhos de Pierre Clastres e de Emmanuel Terray são, a este respeito, elucidativos.

²⁹ Pelo menos em termos qualitativos, dado que se verificou uma produção de trabalhos de carácter etnográfico e folclórico relativamente abundante.

³⁰ Lévi-Strauss, Claude. *Place de l'Anthropologie dans les Sciences Sociales et Problèmes posés par son Enseignement*. Unesco, Paris, 1954, repris dans *Anthropologie Structurale I*. Plon, 1958.

London.

- WASSON, R. Gordon (1980). *The Wondrous Mushroom. Mycolatry in Mesoamerica*. Ethnomicological Studies Nr 7. Mc Graw Hill Book Company, New York.
- WALEY, Arthur (1958). *The Opium War through Chinese Eyes*. George Allen & Unwin Ltd. London.
- WATZLAWICK, Paul e WEAKLAND, John (1977). *The Interaccional View*. W. Norton & Company, Inc., U.S.A. (Tradução Francesa: *Sur l'Interaction*. Éd. du Seuil, 1981).
- SZASZ, Thomas (1974). *Ceremonial Chemistry*. Anchor Press/Doubleday, New York. (Trad. Francesa: *Les Rituels de la Drogue*. Payot, Paris, 1976).
- WESTERMAYER, J. (1987). *Cultural Patterns of Drug and Alcohol Use: an Analysis of Host and Agent in the Cultural Environment*. Bulletin on Narcotics, Vol. XXXIX, nr. 2.